

/ PALAVRA DO LEITOR

Saúde mental

Em relação à matéria “Coletivo de psicanálise oferece atendimento gratuito e ao ar livre no Centro da Capital” (caderno Empresas & Negócios, **Jornal do Comércio**, edição de 06/02/2023), que boa iniciativa dos psicanalistas que estão atendendo na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, de forma gratuita aos sábados. (Miriam Barcellos)



Azeites gaúchos

O Rio Grande do Sul é o maior produtor de azeite do Brasil (JC, 06/02/2023), mas existe um lobby das distribuidoras de azeites importados, pois não se consegue achar marcas nacionais ou regionais nos grandes supermercados do Sul. (Dilson Vaz Bittencourt)

Abastecimento

O conserto de uma adutora em Gravataí deixou dezenas de bairros sem água. Com a venda da Corsan, pior não vai ficar. Já é rotina a falta de água diária. Agora, tenta não pagar a conta de água para ver o que acontece! (Lena M. Santos)

Americanas

Na recuperação judicial da Americanas - após ser constatado um rombo financeiro de R\$ 44 bilhões - (JC, 03/02/2023), quem leva a pior são os funcionários demitidos. Um absurdo também são os preços das coisas na loja, querem que os clientes paguem pelo erro deles com o aumento nas mercadorias. (Katia Silva)

Gastronomia

A parrilla que abriu no 4º Distrito, em Porto Alegre (caderno GeraçãoE, **Jornal do Comércio**, edição de 01/02/2023) é um lugar maravilhoso! Estávamos precisando de um lugar assim, assados de qualidade! (Letícia Moraes)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

NOS ACOMPANHE TAMBÉM NAS REDES SOCIAIS



/ ARTIGOS

A bolha

Márcio Lüders

Percebo com preocupação a bolha política que se criou nos últimos tempos. É algo impressionante e, não se enganem, não é por acaso. O pior, é que não faço a menor ideia de como vamos sair dessa situação crítica.

As redes sociais são algo formidável, se bem usadas. Os avanços tecnológicos são inegáveis e a velocidade da informação é algo surpreendente. Contudo o que deveria ser algo bom infelizmente acabou virando algo ruim. Bem ruim.

Tenho notícia de pessoas próximas que, contaminadas por esta bolha de desinformação, não saem mais de casa ou ainda deixaram de fazer negócios, acreditando num cenário apocalíptico inventado e que continua sendo alimentado todos os dias, principalmente entre os mais idosos, que acreditam na verossimilhança das notícias recebidas.

Muita gente fomentando a raiva e a indignação, caindo na armadilha desta bolha criada pela extrema direita para conseguir uma ascensão meteórica, mesmo que às custas de muita mentira, ou, fake news, popularmente conhecida como notícia falsa. O que experimentamos no Brasil foi utilizado também na eleição de Trump, nos Estados Unidos, e também no Brexit, no Reino Unido. Desinformação cuidadosamente construída de forma sistemática buscando atingir objetivos escusos.

Antes que tirem conclusões precipitadas, não sou de esquerda, nem de direita. Tenho opinião própria que por vezes são identificadas como mais

para um lado ou outro e reconheço que o que aconteceu no Brasil é algo a ser estudado de forma sociológica, pois depois de todos os escândalos de corrupção que envolveram o PT, ele retornar ao poder máximo do País, era algo inimaginável há pouco tempo atrás.

De minha parte, acredito que o debate sobre esquerda e direita no País não é sério, pois não identifico nem na direita e nem na esquerda traços ideológicos verdadeiros. São de fato motivados pelo momento político e pelas circunstâncias que mais lhe favorecem sem compromisso de ideologia.

Sou parte da minoria, me recuso a ter que escolher entre o ruim e o pior, afinal, o que foi debatido de propostas e reformas para o Brasil no último pleito eleitoral? Você lembra? E o pior é que a eleição já aconteceu faz tempo e o tensionamento ainda reside em assuntos que não importam ao Brasil. O caminho para que possamos voltar à normalidade e às questões realmente importantes da nossa sociedade é longo e teremos que trilhar por muito tempo. Vai ser muito difícil sair dessa bolha.

Vice-prefeito de Novo Hamburgo (PSDB)
e diretor-geral da Comusa

Revitalizar o que nunca deixou de existir

Maurênio Stortti

Após a vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o primeiro país a reconhecer o sucesso do mandatário brasileiro foi a Argentina. Assim como a primeira visita recebida por Lula, mesmo ainda sem ter sido empossado, foi do presidente Alberto Fernández.

Na cerimônia de posse, o primeiro cumprimento de uma autoridade estrangeira ao presidente foi de Fernández. Em sua primeira viagem internacional realizada após a posse, Lula escolheu a Argentina. Estes fatos, que demonstram uma grande proximidade entre ambos, surgem com uma indagação: por qual razão a gestão do governo Bolsonaro ignorou tanto a busca de uma sinergia efetiva entre os dois países como a que sempre existiu nos últimos 20 anos?

Desta forma, a mídia e os meios empresariais retomam a discussão sobre o resgate ou não do Mercosul, em especial pela relação dos dois maiores signatários do bloco, que são Brasil e Argentina. Os números mostram que nunca deixou de existir uma ampla relação de negócios entre os dois países.

Um exemplo relacionado ao RS mostra essa simbiose. Na fronteira São Borja - São Tomé, em 2021, passaram para o Brasil 43.898 caminhões vindos do país vizinho. Já do Brasil partiram 54.448 caminhões, totalizando 98.346 veículos no ano.

Se considerarmos que pela fronteira São Borja - São Tomé passa 30% do efetivo de comércio rodoviário entre Brasil e Argentina, podemos dizer que pelo menos sete vezes mais deste volume acontece nas demais fronteiras. A Argentina representa o destino de 4,6% do total de exportações brasileiras ao mundo, de acordo com as estatísticas do MDCI para o ano de 2021, porém, no entanto, dos 7,5% que foram registrados no ano de 2012.

Isso dá a dimensão de que a relação nunca deixou de existir, independente da corrente ideológica que se estabeleça. Em 1995, quando escrevi meu primeiro livro Mercosul: Oportunidades e Ameaças a relação comercial Brasil x Mercosul representava US\$ 3,1 bilhões. Na mesma época, falávamos de mudar bitolas de trem, restringir fluxo de pessoas e fronteiras com o objetivo de defesa para ataques recíprocos, sem falar, claro, da enorme rivalidade no futebol.

Chegar a estes números significa a evidência de algo que sempre existiu. Até mesmo aceitar que a maioria dos brasileiros, ainda que veladamente, torceu pela Argentina na decisão da última Copa do Mundo.

Advogado